

ENTREVISTA

Shimri Zameret / ATIVISTA ISRAELENSE E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE MICHIGAN

Judeu, ele critica a falta de ação da comunidade internacional na Faixa de Gaza e afirma que Netanyahu comete um massacre premeditado

EDUARDO GRACIA/Enviado Especial/ANSA/REUTERS

'SÃO MAIS MORTOS EM GAZA DO QUE EM 20 ANOS NO AFGANISTÃO'

Israense Shimri Zameret é ativista pela paz no Oriente Médio desde os 14 anos. Aos 18, foi preso por 21 meses por se recusar a servir as Forças Armadas de seu país em obediência à ocupação da Cisjordânia. Três anos depois, quase morreu ao ser esfaqueado, em Israel, por um extremista. Mestre em Políticas Globais pela London School of Economics, estava na primeira tenda do Occupy London. Também foi um dos idealizadores dos Campos de Ação Climática, erguidos em protestos durante reuniões do G8 e G20 mundo afra.

Zameret lançou como a resistência civil e os avanços sociais podem informar a reforma de instituições globais, "um sistema disfuncional, incapaz de arbitrar as questões mais consequentes de nossos tempos". Judith Butler, um dos nomes centrais da filosofia contemporânea, afirmou que "seu ativismo é um modelo de liderança moral".

O GLOBO conversou com Zameret, que é casado com a socióloga brasileira Luciana de Souza Leão, com quem tem uma filha, na semana das prévias presidenciais do Michigan. Na terça-feira, o "Listen to Michigan" ("Ouçe o Michigan"), liderado pela comunidade árabe-americana, celebrou mais de 100 mil votos de protesto contra a candidatura à reeleição de Joe Biden por conta de seu apoio a Israel nas ações de Gaza. Com apoio de lideranças da comunidade judaica local e estudantes, o grupo exigiu que Washington defendesse o imediato cessar-fogo e o fim do financiamento de armas para Israel, e teve o apoio do acadêmico.

Professor-adjunto da Uni-

versidade do Michigan, Zameret atua em uma aula concorrida na Escola de Direitos Humanos, onde lidera pesquisa sobre o conflito palestino-israelense, governança global e resistência civil.

Qual a dimensão dos mais de 100 mil votos de protesto por Gaza nas prévias democráticas do Michigan?

Uma demonstração da mobilização da sociedade civil americana em busca de justiça e de paz no Oriente Médio. Biden vem de um dilema político ético, as pesquisas mostram que a maioria esmagadora da população americana defende o cessar-fogo. Veja bem, espero que Donald Trump perca as eleições em novembro. Mas o recado do Michigan é que há risco real de Biden não ser reeleito por erros graves na política externa.

Uma das críticas ao movimento de estudantes pró-Palestina, que engrossou o "Listen to Michigan", é não destacar o ataque do Hamas e os mais de 1200 mortos pelos atos terroristas. Não é um erro?

Há antisemitismo na Europa e nos EUA, cantam-se nos protestos slogans antisemitas, e é nossa responsabilidade denunciá-los. Mas os estudantes percebem diferença estrutural, em seus países, nessa guerra: o apoio dos países ocidentais a Israel, em um contexto de uma década e meia de manutenção da população palestina de Gaza em uma cadeia a céu aberto. Muitos desses ativistas, inclusive, estão pagando um preço alto, que bem conheço, o de ser preso, pela resistência civil.

O senhor foi preso em Israel ao se recusar a servir as Forças Armadas por objeção à ocupação da Cisjordânia...

Sim. E também fui viti-



Vote de protesto. No Michigan, manifestantes criticam apoio inabalável do governo americano a Israel e pedem um cessar-fogo: recado para Biden nas urnas

ma da violência política do Oriente Médio. Quase morri após sofrer um atentado, em Haifa, na costa israelense, quando tinha 21 anos e trabalhava para um deputado de origem palestina. Era um dos organizadores de uma manifestação pacifista e fui esfaqueado duas vezes. A pessoa não foi presa, mas a suspeita é de que se tratava de um teste para fazer parte do Hamas. Também pode ter sido um extremista nacionalista judeu. Pois o atentado não mudou minhas crenças. Meus inimigos estão no poder, nos dois lados. Eles vêm a guerra como um negócio que os beneficia mutuamente e perpetua a guerra.

A morte de mais de uma centena de palestinos famintos quando buscavam comida pode aumentar a

pressão por um cessar-fogo?

Isso aconteceu no Líbano, em 1996, quando centenas de civis morreram em situação de barbárie durante o conflito com Israel. Mas, infelizmente, não creio que acabamos de presenciar o fato trágico que mudará o curso da guerra. A fome, a tentativa desesperada de conseguir comida nos caminhões de ajuda humanitária, os tiros e as mortes são, tristemente, imagens terríveis de mais um dia na Faixa de Gaza. E a mídia israelense, em geral, segue repetindo as narrativas do governo [de Benjamin] Netanyahu. Palavras não pressionam Netanyahu, mas, sim, parar de vender armamento para Israel. Outra [forma] é impor sanções econômicas. Outra é deixar de vetar resoluções de cessar-fogo no Conselho de Segurança da ONU.

Como vê o paralelo feito pelo presidente Lula entre a morte de milhares de palestinos em Gaza por conta da ação de Israel e o Holocausto?

Concordo com ele. Há diferenças importantes entre os dois momentos históricos, o Hamas tem homens armados. Mas o paralelo também é claro. Qual foi a lição histórica do Holocausto? Que foi terrível para os judeus, ou que genocídios não devem acontecer jamais novamente, vitimando qualquer grupo? Ou os palestinos são exceção? A identidade israelense hoje é a da criança abusada que se tornou um pai abusivo.

De que forma?

Sou um judeu israelense. A maior parte da minha família morreu no

Holocausto. E o que me deixa acordado de noite é saber que são judeus fazendo isso. Deveríamos saber o peso, o horror, o legado disso. Nós, ativistas pela paz, denunciaremos há décadas que a ocupação da Palestina é insustentável. Hoje, da pior forma possível, faz-se o consenso global sobre o fato.

Além do governo israelense, associações representativas da comunidade judaica no Brasil denunciaram a fala como antisemita. E o bolsonarismo usa o fato nas redes sociais e nas ruas como pauta política...

Lula pode ter criado um problema político interno, ter sido pouco cuidadoso com as palavras que usou. Mas é ridículo classificá-la como antisemita. Singularizar o Holocausto, sim, é que é antisemita. Também não concordo que esse é um paralelo que só poderia ser feito por nós, judeus. Todos, inclusive os que, como eu, não são especialistas em qualificar se estamos ou não presenciando mais um genocídio — e vários cateteados de Direito Internacional concordam que a definição se aplica nesse caso — temos a obrigação moral de falar o que Lula falou. Já são mais mortos em seis meses em Gaza do que nos 20 anos de ocupação americana no Afeganistão. É um massacre. É premeditado.

Pois sabia-se que uma invasão causaria um número imenso de mortes, inclusive de crianças e mulheres?

Sim. O governo Netanyahu, a imprensa israelense, o Hamas, Washington, todos sabiam. Ninguém entendeu. É preciso, mais do que nunca, dar no-

mes aos perpetradores de crimes de guerra e do genocídio, que devem ser investigados devidamente. Não é para criticar a fala de Lula, é para repeti-la, até o cessar-fogo.

Como as instituições globais estão se saindo nas guerras em Gaza e na Ucrânia?

Pessimamente. Permite-nos que essas guerras continuem acentuam, assim, a urgência de reformas. Elas são incapazes de lidar com outros problemas cruciais de nosso século, como alterações climáticas, pandemias e crises financeiras globais. No Conselho de Segurança, EUA e a Rússia protegem ditadores e criminosos de guerra. Ele é hoje a causa estrutural dos horrores em Gaza. Talvez a gente não se dê conta do significado disso, mas o Conselho de Segurança é financiado pelos impostos de cidadãos dos países-membros, incluindo vocês, brasileiros. Nós todos, no fim, estamos bancando uma instituição que protege criminosos de guerra.

E o que se pode fazer em relação a isso?

Deixar claro que não se concorda em financiar um Conselho que não dá ao contribuinte poder de voz em suas decisões. Uma reação adulta e democrática, uma campanha de pressão sobre os parlamentares para abandonar algo que não funciona. O governo brasileiro busca uma cadeira permanente no Conselho de Segurança, ter poder de veto e exercer liderança de fato, creio, no Sul Global. Mas o mundo não precisa alargar o poder de veto no Conselho, mas, sim, democratizar suas decisões.

ONU vê feridos a bala em hospital do enclave após tragédia

Vítimas foram atingidas na parte inferior e superior do corpo, diz chefe da Ocha; Israel diz que só atirou nas pernas de grupo específico

GABRIEL ROCHA

Observadores da ONU visitaram o Hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza, e verificaram que muitas das 200 pessoas ainda internadas após a tragédia na entrega de ajuda humanitária na madrugada de quinta-feira estão sendo tratadas por ferimentos a bala. Citado pela rede britânica BBC, Giorgios Petropoulos, chefe do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU (Ocha), disse que os feridos

a bala foram atingidos na parte superior e inferior do corpo. Ao negar que soldados israelenses abrissem fogo contra a multidão, o Exército de Israel afirmou na quinta-feira que só foram feitos disparos de alerta e na direção das pernas de um grupo específico considerando uma ameaça. Autoridades palestinas acusaram Israel de disparar contra pessoas aglomeradas que esperavam para pegar suprimentos de um comércio humanitário, detendo ao menos

112 mortos e 760 feridos, segundo o Ministério da Saúde do enclave, que é controlado pelo grupo terrorista Hamas. Além de negar os disparos indiscriminados, as Forças Armadas de Israel afirmaram que as mortes decorreram de uma debandada e de atropelamentos. Também citaram que houve disparos feitos por palestinos armados durante saques dos caminhões, mas não apresentaram provas.

Petropoulos disse que ele e uma equipe enviada ao hospi-

tal constataram que quase todos os 70 a 80 pacientes na sala de emergência foram feridos no incidente do comboio. Além daqueles com ferimentos a bala, os médicos também tratavam muitos que caíram ou foram pisoteados — ele, porém, não soube dizer qual grupo era maior. Previamente, Mohamed Salha, gerente interno do Hospital Al-Awda, afirmou à BBC que haviam recebido 176 dos feridos, dos quais 142 tinham ferimentos a bala. Os outros, ex-

plicou, tinham quebrado as pernas ou os braços.

AJUDA PELO AR

EUA, União Europeia, França e ONU pediram uma investigação independente do caso. Também cresceu a pressão por uma tregua e para que Israel facilite a entrada de mais ajuda humanitária. Segundo a ONU, 2,2 milhões dos 2,3 milhões de habitantes do enclave estão ameaçados pela fome. Três aviões militares de carga americanos lançaram ali-

mentos em Gaza ontem, mas a iniciativa foi descrita como ineficaz por grupos de ajuda internacional. Paralelos, a ação desviou a atenção de ações mais significativas, como pressionar Israel a levantar o cerco reforçado imposto a Gaza em 9 de outubro, dois dias após os ataques terroristas do Hamas contra o sul do Estado judeu.

Em vez dos lançamentos, os EUA e outros países deveriam concentrar esforços em garantir que Israel realce as passagens fronteiriças para permitir a circulação desimpedida de combustíveis, alimentos e suprimentos médicos, disse o Comitê Internacional de Resgate, uma organização humanitária com sede em Nova York, em um comunicado.